

MONUMENTOS DE PORTUGAL.—O Convento da Batalha, vista exterior incluindo a capella do fundador

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado acresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 244

Braga, 2 de Março de 1918

Anno V

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmãdade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario
- 2.º Dois attestallos, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (palavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcebispo, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas crenças, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

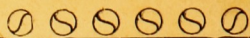
Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicao; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os Pais e os avs, Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concelho de subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que recebem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou consultas medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas farmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas firmemente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

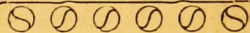
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manuel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..



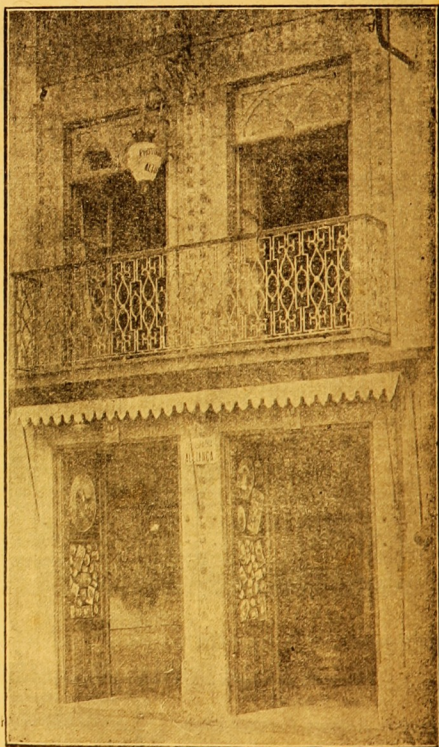
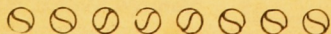
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado d'este genero



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44 Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

— O —

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Bragá, 2 de Março de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 244—Anno V



LISBOA. — A igreja da Encarnação. Galeria e tecto da capella do Santissimo Sacramento, magnifico trabalho de cantaria.

CHRONICA DA SEMANA

Remember!



O seu espaçoso gabinete de trabalho em cujo tecto floreados bambolins de estuque emoldurado graciosas pinturas, em oval, de paisagens do Douro vinícola e da Hollanda distante, ou de bailados de pastorinhas de Trianon, tudo atfestado ainda o passado de uma casa fidalga que veio a sêr paço de um grande Bispo;—alli o fui procurar para recebêr era direcção superior da conducta a seguir perante o novo decreto modificador da lei de separação.

Linda tarde, por signal! As janellas abertas deixavam poisar os olhos n'um azul saphira em cuja fimbria se collavam as manchas do casario, dominado pelas torres altas do Bomfim mirando a Gralheira, e uma devastado malto de eucalyptos, resto da antiga quinta que os novas avenidas invadiram. Linda tarde. Por baixo das varandas, do logar onde me sentára, eu via uma estatueta de granito, encostada, como de vergonha e abandono, nos tufos de funcho, dos troços do pequeno jardim, e por entre o apagado rumor da vida do burgo vasto, ouvia-se o gorgolejo triste da agua...

O decreto sahira na véspera.

Disse ao que ia. Escutei attento a sua opinião, a sua sempre segura opinião de prelado e de homem que conhece os homens á maravilha...

Depois, ficamos a conversar, repassando um por um os acontecimentos, intentando um pouco entreabrir o largo portal do futuro.

O decreto sahira na véspera.

Era máu? Não era. Era bom?

Não era tambem. Representava apenas um passo no caminho da liberdade. E, porque hei-de escondê-lo aqui? se não fóra a série de cominações embora tímidas com que o ministro queria resalvar o velhissimo dogma laico da supremacia do poder civil, esse passo seria de todo acertado.

Eu (e tenho encontrado já muitos rapazes do meu tempo de parecer igual), talvez por efeito de ter vindo misturado n'uma geração que atirou fóra as ambições, mesmo as legítimas, para se dar toda em sacrificio á causa da Igreja;—mantenho mesmo sobre a concentração dos archivos parochiaes nas repartições do registto civil, uma opinião que diverge da dos que a tomam como violencia, n'um regimen de separação dentro do qual, logicamente, o parochio não pode sêr funcionario do Estado. Penso que o registto civil obrigatorio, é necessario, e que a sua organização deve sêr aperfeçoada, facilitando os serviços ás populações ruraes.

E vou mais longe ainda, não é a necessidade do registto civil o fundamento d'aquelle meu modo de vêr:—é, vejam lá a heresia! a necessidade de levar o párocho a sêr zeloso, a fazer profundamente a penetração religiosa da sua freguezia, conquistando as almas, muito sobranceiro a interesses.

Ainda hontem n'uma praça um abbade do depois da separação me confidenciao:

—Roubáram-me o archivo. Foi uma violencia. Profeitei—mas lá fóram. Reconheci porém, que os tempos eram outros: redobrei de zelo pastoral e hoje, meu caro amigo, espiritualmente tenho mais fieis, e materialmente, tantas dedicacões, até de republicanos, que nada me falta, nem mesmo aquillo de que carecia d'antes, quando

os parochianos me pagavam por obrigação e era funcionario do Estado.

Do Algarve, e de muitas outras diocêses, vozes egues a esta me advêm, narrando como os párocos zelosos tiráram da separação um beneficio temporal e mais ainda e sobretudo um prestigio que, pela burocratização das suas funcões sob a concordata — a grande Cultural! — jamais conseguiriam.

O ministro vae respeitar direitos adquiridos, por meio de uma subvenção pessoal e vitalicia. É justo. Está bem. Mas vêr-se-ha que muitos padres, subvenção no bolso, pedirão ao seu prelado que lhes dispense um descanso para a velhice. E terão feito apenas aquillo que a cada educação sacerdotal, do antigo tempo, logicamente, inconcebivelmente lhes apontar. Culpa não tem d'ella. Em 20 d'abril de 1911 abriu-se para a Igreja em Portugal um mundo de realidades dolorosas que só os *ultramontanos*, os *reaccionarios* vigorosamente piviram quando retundiam os golpes do regalismo ambicioso e absorvedor, e bradavam alêrta ás massas retardatarias e resmungonas dos fieis.

Os processos e costumes de hontem não são os de hoje, não serão, muito menos, os d'amanhã! E eu estou de cada vez mais possuido de que ou as coisas catholicas, entre nós, mudam de rumo, por um escandalo seccionador e salutar, ou não poderão sequer viver a vida d'estagnação e de rotina em que, aborroadas á profección do Estado passarão anarchisadores oitenta annos de escravização doirada.

Não sei quando sahirei dos bastiões da fortaleza (muitas vezes tenho visto próximo esse dia, muitas outras o ardor da minha fé me tem dicto que vem longe ainda), mas d'elles partirei com esta convicção de rebelde — ah! que n'isto sou o mesmo de ha cinco annos, ó gente de Coimbra! crente embora, que meus olhos não verão a resurreição que *au jour le jour* andam sonhando, um pouco cansados já, de tanto terem visto!

... N'aquella tarde, linda por signal, bem linda! foram estas as meditações que me acompanháram ao sahir d'aquella casa. A vida é um refazer constante de esperanças que não cahindo uma a uma na intermina estrada dos penores do mundo ah! e o outomno inda vem longe... Para não sossobrar, agarramo-nos, em contênsões de naufragos, ás aureas illusões dos tempos que não voltam!

Que pena eu tive de não ir á reunião do C. A. D. C. de Coimbra... Tanto quizera assistir a ella, tanto a esperava! Dizia-me a mim mesmo que de lá voltaria com mais fé, respirando de novo o ar de uma camaradagem de gerações, sentindo qualquer coisa de parecido com o gasalho e o pezo amigo das tradições de um grande lar espirital e sem limites! Poderia repetir com o poeta:

... O' terra amiga!

Quando te vejo, eu ponho-me a sonhar!

e outra vez a mão de Alguem que me deu o espirito dos combates pela Igreja, pousaria sobre a minha cabeça, dentro da qual roláram já muitos centos d'annos, ai d'ella! como na d'aquelle inditoso pastor da tragedia de D'annunzio!...

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Divagando e Discorrendo

VIVEMOS positivamente aos encontrões. A crise é de competências. Ninguém se prepara para a luta da vida, mas todos se dispõem a vencer. A diffusão do ensino egualou as ambições mas como foi, e é ministrado incompetentemente, desgraçadamente, longe de preparar homens, impulsionou *arrivistás*, e repercutindo os seus efeitos na grande massa, tem funestas consequencias. O ensino não educou, confundiu. Foi ao campo, á officina e arrancou lhe braços, desviou vocações, torceu destinos. A instrucção ficou á superficie, como uma nodoa, alastrando ambições. A burocracia foi tomada d'assalto e relegada para o canto inutil, a industria e o trabalho profissional. O homem do campo já remediado empurrou o filho para longe da sua esphera d'acção, desligou-o da tradição, que foi durante seculos a força propulsora da nossa industria rural. Desligou-o da terra, apartou-o do seu meio e do seu destino e em vez de o educar para o amanho da terra onde poderia prosperar, enriquecer, cultivando intelligentemente, dominando a rolina, atirou-o para o lyceu. Arrastou sete annos de cabulagem e á custa d'empenhos, de supplicas, de subservencias, lá foi até Coimbra onde reeditou a mesma calamitosa illustração d'empenhoca e fez-se Bacharel. Um dia encontrou-se com o tradicional canudo cheio de cartas e com o espirito vazio d'ideias, muito cheio de palavras pomposas mas infelizmente despido d'aptidões. E como não podia advogar, ingressar na magistratura, concorrer a qualquer emprego, o que necessitava, estudo, conhecimentos, illustração, lançou-se abertamente na politica e começou a sua vida aos encontrões. Como não podia salientar-se pelo talento impoz-se pela população. Foi o instrumento cego do cacique, perseguiu, tripudiou, e quando não pode ser intelligente foi cruel, quando era preciso ter criterio mostrou simplesmente ferocidade. Podendo ser um homem foi um capacho.

Mas prosperou, subiu. Aos encontrões a

tudo e a todos, minando intrigas, odiento, servil, correu a hierarchia politica e um dia o acaso, os seus serviços, as suas tranquillidades, fizeram-o notar dos chefes—foi Ministro. Sem um plano, sem uma idéa, cortou largo nas reformas nacionaes, legislou á toa, governou ao acaso, não teve escrupulos, não teve receios e... venceu.

E do seu exemplo medraram, prosperaram outros tantos incompetentes, arrancados á officina, á industria, ao trabalho, cruzando a mesma via dolorosa d'abjecções, de servilismos, d'encontrões até ao momento supremo de se alçapremarem no dominio deslumbrador do mando.

Esta é a grande rasão da crise latina, mas sobretudo da portugueza, porque tambem nenhuma outra nacionalidade, até hoje, se entregou tão passivamente ao tripudio dominador dos incompetentes.

Que acção moralisadora pode resultar d'esta horda de mediocres sem competencia, sem convicção, sem escrupulo? O que pode esperar um povo inteiro da obra d'estes estadistas ocios, inconscientes mas precisamente por isso dispostos para tudo, n'um delirio d'audacia e de desvergonha? E porque esses treparam aos encontrões, tropeçando, baralhando, confundindo, sem uma idéa que não seja o triumpho, sem um objectivo que não seja a gamella, a nacionalidade, que uma indifferença cobarde deixa ainda nas suas mãos, lá se vae arrastando baralhada e tropega para a tragedia pavorosa do fim.

E nem os avisos tragicos do tufão de morte que se aproxima, saccode tanta energia agachada, remeche convulsiva tanta competencia adormecida.

A culpa é d'elles? Não a culpa é de todos nós, que sem responsabilidades nos seus actos temos a tremenda responsabilidade de os ter consentido, de os ter supportado tanto tempo.

Ao pelourinho da historia — se não temos um gesto libertador, ficaremos eternamente amarrados; elles porque tripudiam: nós porque os deixamos tripudiar.



SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XXIII



E o leitor tem seguido as operações da guerra em Flandres, está farto de ouvir fallar em Ypres. Ha poucos meses, quando os inglezes começaram o seu lento avanço para léste, liam-se todos os dias os nomes de Comines e Warneton—que o leitor fará o favor de procurar no mappa.

Éra em Comines, que nos saudosos tempos da paz—e que saudosos para mim, que na deliciosa Belgica passei os melhores annos do exilio!—éra em Comines que cada anno se celebrava, até estalar a guerra, a *festa das colheres de pau*, com que vamos passar êste serão.

Sentar, color e ouvir.

—Cada anno por esta epoca—9 de outubro—dizia uma revista franceza ha seus dez annos—realiza-se em Comines (Belgica) uma curiosa festa que sendo de fundação varias vezes secular foi reorganizada ha uns vinte annos.

Remonta a origem desta festa aos tempos feudaes, á primeira metade do seculo XIII, sem duvida.—posto que lhe não consigam as chronicas data certa.

O velho conde Godofredo de Warneton dava no seu condado um grande torneio, para o qual convidava os representantes da nobreza de Flandres. A liça, constituida com separações duplas, estava situada ao norte do castello de Warneton. Corriam serenas por sueste as aguas azues do Lys; a sudoeste os muros pardacentos e as torres altas do Castello; ao oriente estendia-se a grande estrada senhorial de Comines, atravessando a umbrosa floresta que separa as duas povoações.

O convite do conde de Warneton fôra bem acolhido; raro se vira tão luzida assemblea. Preludiava ao torneio um sumptuoso cortejo. Abriam a marcha uns vinte arautos, de armas, precedidos de trombetas. Avançavam a passo cadenciado, a dois e dois, levando o caduceo ou o ramo da paz. Cingiam suas fronte corôas de carvalho ou bandós de seda. O traje, especie de dalmatica sem mangas, era ricamente bordado de ouro. Ostentavam no peito os brezões d'armas de seus senhores. Atraz dos arautos vinha o rei d'armas, rodeado de cavalleiros celebres, passavantes e escudeiros. Vinham depois os lacaios, com suas negras cotas d'armas, ornadas de perolas brilhantes. Distanciados poucos passos seguiam-se trinta cavalleiros porta-bandeira, cada um detraz da sua bandeira e seguido dos senhores vexillarios, dos juizes de campo, cobertos de largas vestes, que levavam na mão os bastões brancos do commando.

No melhor do torneio, quando já muitas lanças se haviam quebrado, sobreveio um incidente que causou commoção entre os espectadores. Alguns camponios e pedreiros de Comines forçaram a linha das escoltas imponentes que confinham a multidão e foram lançar-se aos

A festa das colheres de pau

pés de Godofredo de Warneton. Clamavam justiça contra um dos mais soberbos cavalleiros que tomaram parte no torneio, Gosmin de Lysendaele, senhor de Comines, que elles accusavam de conservar captivo, num torreão do seu castello, ao jovem Sigefredo, filho do seu antigo senhor, o Conde Balduino de Comines.

Mandou Godofredo de Warneton, que era homem bondoso e justo, acertar que fundamento tinham as allegações dos homens; reconheceu-se que a accusação era exacta e apurou-se que Gosmin de Lysendaele, tutor do joven Sigefredo, o encarcerara com o secreto desingnio de o fazer desaparecer para usufruir seus bens. Foi julgado, degradado de suas dignidades, e banido.

Ora eis de que modo providencial, segundo a chronica da lenda, se revelou no velho torreão do castello de Comines a presença do joven senhor Sigefredo, e como d'ahi resultou seu livramento:

Andavam alguns pedreiros concertando os telhados do castello, quando a sua attenção foi atraida pela queda de colheres de pau ou *louches*, atiradas da fresta de um calaboiço; içou-se um dos trabalhadores até á fresta e viu, deitado numas palhas, o joven Sigefredo, que lhe supplicou fosse pedir justiça ao Conde Godofredo de Warneton contra Gosmin de Lysendaele.

Em memoria da sua libertação, Sigefredo de Comines, restituídos os seus bens, fundou uma feira franca, no dia da festa de S. Dinis, durante a qual se lançavam ao povo colheres de pau do alto da torre do castello.

Esta é a origem da pictoresca festa das colheres de pau que todos os annos, em meados de outubro, põe em alegria a população de Comines.*

Nesta altura dirá, cabeceando, algum seroeiro mais pechoso:—Deu-nos hoje o sr. frey Gil um serão que não vale dois caracoes!

E ahí é onde te enganias, meu temerario juiz!—replico eu.

Com effeito, êste serão sobre a festa das colheres de pau na Belgica vale mais que dois caracoes, vale tantos caracoes quantas são as colheres—porque, meu fontinho, *que são as colheres senão caracoes?* E se êste serão fôr vanguarda de dois ou três, que te prometto, sobre o mirífico fluido caracolico, que tanto deu que falar, e rir, no seculo passado, em Paris!

—O' sr. frey Gil, mas que quer dizer isso de serem caracoes as colheres?—insiste certa senhora, que ha poucos dias, tendo-lhe eu confessado que comera em Roma caracoes, jurou engulhada:—Caticha! Caracoes! E' coisa que nunca me entraria na boca...

Pois minha senhora: venha ao proximo serão que eu lhe farei ver que as colheres são caracoes...

E aos outros contarei a historia do famoso fluido caracolico...

Procissão de Santa Maria Magdalena da Falperra



BRAGA—Um aspecto da Avenida Central á passagem da procissão,
em 14 do mez findo.

(Phot. Aliança)



A procissão em frente á Arcade. Esta procissão em honra de Santa Maria Magdalena que se venera na Falperra, realizou-se como preces pedindo a chuva necessaria para a agricultura.



Um aspecto da chegada a Lisboa do Sr. Presidente da Republica. x depois da viagem pelo Sul do paiz

LIVROS NOVOS

O Remexido

O importante jornal *Diario de Noticias* começou ha dias a publicar um novo folhetim, intitulado *O Remexido*, romance do nosso illustre colaborador e eminente escriptor sr. Eduardo Noronha.

O romance funda-se na vida do celebre *Remexido*, guerrilheiro do Algarve, no tempo das luctas miguelistas.

Noivado extranho

O illustre poeta Rodrigues Leal publicou recentemente o interessante poemeto *Noivado Extranho*, que deveras e duma maneira muito portugueza conta a historia duma noiva bem infeliz.

Agradecemos a offerta.

Farmacia Homeopatica

Já vae na quinta edição este apreciavel li-
ro, que o distincto farmaceutico Sr. Francisco

José da Costa, publicou, para o bem de todos que se interessam pela saude. O possuidor deste livro tem, duma maneira pratica, o necessario para os primeiros socorros a uma doença.

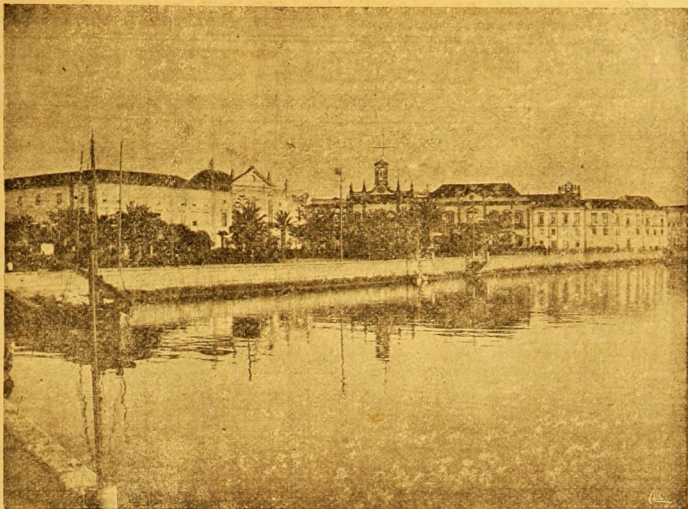
Ao seu auctor agradecemos a oferta.



Joseph William Henry Bleck
recentemente falecido em Lisboa

PRO ALGARVE

A Comissão «Pro Algarve» na sua ultima reunião resolveu marcar o dia 2 do proximo mês de Março para a realisação da sua projectada festa. Constará ella de um esplendido banquete de 40 falheres que se realizará no «Coimbra Hotel» um dos maiores e mais luxuosos da velha cidade Universitaria. Durante o jantar executarã variados trechos do seu selecto repertorio o «Grupo Musical Ferreira Barros» sob a competentissima regencia do seu illustre patrono e nosso querido amigo snr. Tenente Barros, digno chefe da banda regimental d'Infantaria 23, aqui aquartelada. Convem accentuar que este nosso amigo, um dos interpretes mais conscienciosos e mais apaixonados da sublime Arte de Mozart, é um Algarvio que acolheu com indiscrível entusiasmo a ideia dos estudantes seus comprovincianos, a ponto de compor expressamente para a festa, n'um excesso d'amor pelo seu querido Algarve um mavioso e inspirado hymno dedicado àquella linda e bella provincia que em breve o conhecerá e apreciará devidamente.



A formosa doca de Faro, ultimamente visitada pelo Snr. Presidente da Republica.

Ficou tambem assente que a Comissão vá, n'esse dia festivo, cumprimentar o mais illustre entre os illustres dos filhos do Algarve, o sabio cathedratico da nossa Universidade, o venerando e talentoso lente de duas Faculdades — Sciencias e Lettras — o Ex.^{mo} Senhor Doutor Gonçalves Guimarães, que não honra apenas a provincia que lhe foi berco e a velha Universidade Coimbra mas tambem o nosso paiz. Ainda ha pouco mais d'um anno a nossa Universidade n'um justo preito d'homenagem ao seu grande talento proclamou-O Doutor em Lettras.

O entusiasmo que reina por esta festa estende-se a toda a Academia e assim é que rapazes das outras provincias se reúnem e procuram secundar a sympathica ideia o que muito os honra e muito grato nos é registrar.

Coimbra — Fevereiro, 1918.

— O Julio fez-me uma declaração, hontem á noite.

— Coitado! E' muito novo, e provavelmente ainda não viu nada melhor de que tul...

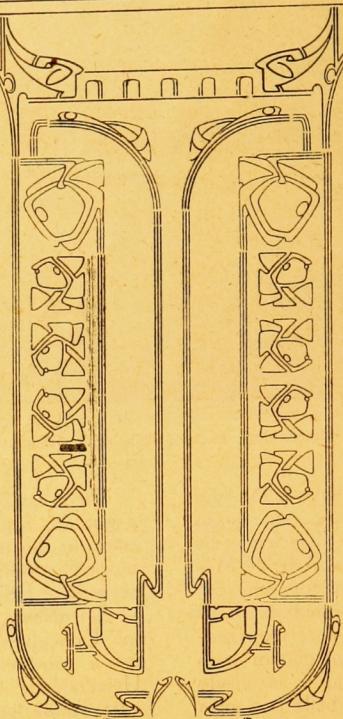




Guerra Europeia



Maximo Litvinov nomeado embaixador russo em Londres pelo gabinete de Lenine



Conde de Terauchi primeiro ministro do actual governo japonês



A' hora do trabalho num acampamento de prisioneiros na Alemanha



O famoso esquadrão de Fort Garri House que lutou heroicamente na batalha de Cambrai

Portuguezes na guerra



Um official inglez offerendo bonbons a duas creanças naturaes de Nesle.



«La petite Suzanne.» Uma linda francezinha do "front", portuguez, afilhada de guerra do nosso amigo, ellefres Antas de Barros.



Grupo de officiaes, pertencentes á guarnição de Braga que estão na frente; entre elles vêem se os snrs.
 1.º Plano, sentados, da esq. da para a direita: 2.º logar Capitão Francisco Rodrigues Villa Chã Leite. 3.º Capitão Te-luiz Freitas Garcia (2.º commandante do batalhão de inf. 8). 4.º Capitão Francisco Lopes d'Azevedo. 5.º Te-nente Crispim Soares Gomes.—2.º Plano, No 1.º logar: Alferes Carvalho. No 5.º logar: Tenente da adm-inistração Militar Manoel Carmona Gonçalves.—3.º Plano: 1.º logar Tenente Carlos Cruz, 2.º logar Tenente Graceliano Morques.—4.º Plano 1.º logar Alferes Falcão, 2.º logar Alferes Ambrosio Ferreira.

O PIEGUISMO

Por José Agostinho

LAGRIMAS e desalentos — dizia eu a um amigo de Alberto Madureira — não são apenas, como tantos julgam, *manifestações românticas de poetas que regressam ds formulas lamartinianas, e um pouco ao respectivo sentimento.*

E, como tinha no amigo do poeta das *Avemarias* um ouvinte heroico, dos que até nos olhos parece terem ouvidos, prosegui:

— Meu caro, a lagrima e o desalento são menos fraqueza do que amor, e menos defecção do que ancia. Note quem mais chora: é quem mais crê e ama. Quem mais se desalenta é quem mais aspira á perfeição — sua, ou dos outros.

O egoista é que não chora. Como ha de elle chorar se, amando-se apenas a si proprio, evita as lagrimas como a um corrosivo do coração e da pelle?

O soberbo não se desalenta. Como ha de elle desalentar-se, nem por um momento, se está convencido de ser elle tudo, em sciencia e consciencia, em gosto artistico, em genio, em virtude, em meritos?

De maneira que, meu caro, só os grandes cynicos e os grandes grotescos são incapazes de lagrimas e desalentos. Ora um verdadeiro poeta poderá ser cynico ou grotesco? E — a não ser a logica a apepinadíssima batata que vem sempre a ponto em coisas de dialectica alegre — não é verdade que, sendo assim, a poesia tem de ser, quando verdadeira, toda de dor e angustia?

Mas, se o é — continuava eu com intrepidez — tem de ser essencialmente *romântica*, isto é, *confidencial*, segundo a sabida definição de Emilio Faguet.

Emfim, caso fique bem deduzido o que acima exponho, concluiremos com bastante magestade, mas com o menor pedantismo possível, que a regressão ás formulas lamartinianas, podendo partir d'uma especie de nostalgia de lindos e vagos figurinos românticos — admiravelmente *vago* era Lamartine — não é, a rigor, mais do que a irresistível restauração da verdadeira poesia. —

O amigo de Alberto Madureira ouviu e... espiçou. Faça-lhe a justiça de crer que o não constipem as verdades, singelas e francas. E digo-lhe hoje o que os seus espirros, ainda mais importunos do que dolorosos, me impediram de dizer-lhe. Ahí vai, fugitivamente.

A questão está em distinguir a lagrima que vem da alma, da que vem... da phantasia.

A primeira é o sentimento.

A segunda é o pieguismo.

Para derramar a primeira, é preciso *viver*, e portanto, *soffrer*.

Para verter a segunda, basta *vegetar* e, portanto, *digerir*.

A primeira é um pedaço do coração. Diz ancia no jovem, saudade no velho, chimera em todas as edades. Uma vez define o que pode definir-se d'um mysterio intimo; outras vezes é um sonho moribundo, quasi sempre é nostalgia que dóe, mas que teimamos em exacerbar.

Essa lagrima, meu caro, dá sempre poemas. Pois se ella é essencialmente um poema! E que poema! Tem estrophes de perolas que todos comparam ás estrellas, e vibra tanto, que só o podem achar grotesco os reprobos do puro sentimento.

A segunda lagrima está já definida. Vale tanto como a pedra falsa, é tão fatalmente prosaica como uma mascara.

Póde o meu amigo flagelar o predominio da primeira, se é bom, christão, faminto e sedento da gloria de Deus?

Não.

Essa lagrima, além de ser toda a poesia, é um diamante com tres divinas arestas — a fé, a esperanza e a caridade.

E, porisso, ella devasta para fecundar, queima para sarar, relampeja para illuminar.

Expunja-a do mundo e onde fleam o desabafo puro dos namorados, as saudades dos orphãos, as utopias dos moços e os ultimos extasis dos velhos, tudo isto materia prima da colossal ascensão até Deus?

Que fé pode haver em quem não seja capaz de verter uma lagrima assim?

Que esperanza pode alimentar quem n'uma d'essas lagrimas não tem a claridade redemptora da dôr?

Que caridade é possível a quem não a arranca da alma como expressão abnegada do eterno aneoio de sacrificar a materia faminta ao espirito soberano, scentelha que vem do Senhor?

A' outra lagrima, á fingida, á theatral, á hypocrita e hysterica, a essa guerreiem-na, e assim o façam á falsa poesia que a ostenta, porque é apenas um mostruario-balcão a mercadejar louvores, dinheiro e estrondo.

Mas será ella *romântica* ou *romanesca*? Distingámos bem, meu amigo, como distinguiremos *romantismo* de *romanticismo* ou *pieguismo*.

Entretanto, só convencionalmente se admite que o *romantismo* puro tenha o monopolio do sen-

timento poetico. Muito e bom sentimento tinham alguns classicos, e muito e bom sentimento deriva de versos, que nem são retintamente classicos nem retintamente romanticos.

Aqui, tem, meu amigo, muito a fugir o que penso de poesia sentimental.

Penso-o como sincero penitente.

Tempos houve em que a *Legenda dos Seculos* de Victor Hugo me pareceu a morte fatal e justa do lyrismo.

Pelletan disse, a proposito, coisas fortes, e eu applaudi-o, rindo lorpamente de Antonio Feliciano de Castilho que protestou contra o declamador, penso eu, no prólogo do *D. Jayme*.

Teixeira Bastos, no pedestal de Theophilo Braga, fez uma campanha herculea pela poesia scientifica, e eu, que já me estonteava com Quinet e com os poetas brasileiros de que fallou o T. Bastos n'um enlevo de legitimo filho de Lucrecio, perdi a cabeça—se alguma vez a tive—, como facilmente duvidarão os meus doces inimigos—e escrevi as *Cartas Civicas* que os democratas de todas as côres palmearam em grupo, parecidos demais ás claques dos theatros.

Mas, meu Deus! foi esse o meu livro menos lido, não me constando que nenhuma alma que

vive de veras lhe conheça um verso, d'elle recite uma só passagem, bem ao contrario do que, por excessiva fortuna, acontece ao *Poema do Lar*, ao *Christo*, ás *Definições*, etc. livros cobertos de lagrimas e constellados de desalentos, escriptos á pressa, n'uma verdadeira convulsão psychica, dilacerado eu por duvidas e esmagado por um tão desconforme trabalho, que só Deus debaixo de tal peso me podia dar voz, vontade e caridade.

Comtudo, eu não quero afirmar que toda a boa poesia tenha de derramar lagrimas ou de trazer desalentos.

Muitos bellos versos cantam como alleluias.

Outros rodopiam, como temporaes, zurzindo, purificando o ambiente. Outros mesmo — embora Racine, filho, desacreditasse muito a poesia didactica, não se lembrando de que um pagão escrevera as *Georgicas*—ensinam nobre e encantadoramente em verso, sem chorar, sem se desalentarem, e principalmente nas fabulas com uma graça, frescura e alegria que tonificam os nervos, saneando os costumes. . .

Mas, se assim é, não será mau o amigo não se fiar demais no verdadeiro jubilo, na olympica valentia e no extasis loução dos poetas, porque voto a Deus que mais de metade d'essas alegrias, d'esses rasgos energicos e d'esses cantantes amavios apenas occultam pungentes desalentos e . . . inconfessaveis lagrimas.

QUADROS

XVIII

MENDIGO

A' Ex.ma Senhora D. Angela
B. Fernandes.

Mendigava n'um choro lancinante,
Dinheiro ou pão? Talvez bem outra esmola,
Pois, se trazia aos hombros a sacola,
Tambem trazia um coração vibrante.

Eu diria que o pobre era estudante,
E que, fugido á sua velha escola,
Procurava uma esplendida corolla,
A flor que sonha todo o bardo errante.

Mas uma bella dama a prece ouviu . . .
Os lindos olhos no mendigo crava,
E elle não sente já a fome e o frio . . .

Mais que dinheiro, mais que pão, achava
N'aquelle grande olhar! . . . Quando partiu,
Um rei que sóbe ao throno, é o que lembrava...

José Agostinho.

São Jayme

Elle ouvira em seus sonhos, brandamente,
A voz do Eterno Deus que lhe dizia:
—“Rasga as sandalias pela areia ardente,
”Em piedosa e sante romaria:

”Corre ao Deserto, á Terra Escandecente,
”E aos povos ignorantes annuncia
”O invencivel poder do Omnipotente,
”Feito Homem no ventre de Maria....

E, arrimado ao bordão de peregrino,
A order-lhe n'almô o seu amor divino,
Elle partiu esp'rando a recompensa

Aos seus trabalhos e infinita Dor...
Olhos fitos na Cruz do Salvador,
A alimentar-o o fogo da sua Crença!

Casa de Barrimau,
em Fevereiro de 1918.

Jayme Sampaio.

No laboratorio da guerra

A Finlândia



grão-ducado da Finlândia, agora estado independente, é um dos mais pittorescos paizes da Europa. O seu inverno dura nove mezes; as noites são enôrmes, mas nos restantes tres mezes quasi não existem e durante elles a vegetação vê-se desenvolver, sob acção d'um calor constante.

É o paiz dos mil lagos, dos sombrios rochedos de granito e das espessas florestas de pinheiros, cujo aspecto severo é cortado, de longe a longe, por pequenas cidades risonhas e pelas cabanas dos pescadôres, pintados de vermelho: região interessante, com a sua historia, as suas tradições, a sua cultura, as suas lendas, e cujas qualidades hospitalaeras tornam a sua população deveras atrahente.

O viajante isolado sente uma impressão especial, quando se vê no meio de gente, cuja lingua não comprehende, sendo-lhe completamente estranhos, as taboetas dos estabelecimentos, os nomes das ruas, o contheudo dos *ménus* dos restaurantes, de que nem sequer pode adivinhar uma unica palavra.

Os proprios nomes das terras nada se parecem com o que temos visto nos outros paizes. Esperamos, por exemplo, na *gare* de Abo o comboyo para, ou de S. Petersburgo. O empregado, a quem mostramos o bilhete, diz-nos, por mimica, que ha de chegar e parar n'uma das linhas de qualquer dos caes.

D'ahi a pouco aparece um, o de Turku para Pietari. Esperamos que parta, para ver chegar o de Abo.—S. Petersburgo, mas ficamos surprehendidos ao saber que já o perdemos, pois em finlandez S. Petersburgo é Pietari! Os esforços da Russia para assimilar a Finlândia nunca tivêram bom exito, pois esta mostrou sempre mais sympathias pela Suécia, do que por ella. Embora não esqueça terem os anglo-francezes bombardeado Helsingfors em 1855, prefere-os aos russos. O francez e o inglez são linguas que todos os finlandezes educados alli conhecem, ao passo que do russo apenas sabem as palavras necessarias para as suas relações officiaes com a burocracia, e fora d'isso, nem mesmo n'esse pouco, que sabem, respondem a quem lhes fallar no idioma official.

A civilisação finlанда, influenciada pela cultura suéca, é essencialmente septentrional nos seus ideaes e nas suas aspirações, não se deixando facilmente impregnar da infiltração oriental melancolica e expansiva.

Se não vissemos nas ruas de Helsingfors os trens com as aparelhas arreadas á russa, a estatua do czar Alexandre II e uma igreja de architectura puramente moscovita, julgaríamos estar muito longe do imperio dos tsares. Helsingfors é uma bella cidade de 100.000 habitantes, limpa, regular e bem construida vê-se nos seus edificios, a cada passo, a mão pesada do architecto prussiano, mas a arte finlанда, mais adoptada, dá-lhe um cunho deveras interessante. A linha rigida e pesada e mais propria para os paizes do norte, em que a lueta com a natureza polar desloca para o segundo plano as evocações architecturaes das imaginações expansivas, despertadas pelo brilho do sol.

A Finlândia está cercada, até á Suécia, por um lado, e a Petrogrado, pelo outro, por uma poeirada de ilhas, geralmente cobertas de pinheiros e de bétulas, e muitas vezes só de rochedos nús. O archipelogo mais importante é o das ilhas de Aland, das quais apenas 80 por cento são habitadas. O resto não passa de blocos de granito. Metade da população é de origem sueca, compondo-se de valentes trabelhadôres e de atrevidos marinheiros, pobres mas generosos, sabendo todos ler e escrever.

É bello, quando, n'uma d'estas noites estivaes, sob um ceu todo de purpura, illuminado por um sol, que nunca se occulta, um barco silencioso surge de qualquer ilha banal e isolada, e se aproxima, com as malas da correspondencia, do vapor-correio, que atravessa estas aguas silenciosas. Ir de Stockolmo a Petrogrado, por entre uma nuvem de gaivotas brancas, de dia, ou banhado pelo sol da noite, é gozar uma delicia incomparavel.

Pela sua situação, a Finlândia tem sido, por vezes theatro das intrigas allemães. Por entre as suas ilhas, mandavam elles clandestinamente armas aos revolucionarios russos; n'ellas se refugiaram, no anno passado os marinheiros, que massacraram os officiaes de *Petropaulosk*.

Os finlandezes sentiram o maior horror por estes crimes, e ainda hoje cuidam e ornamentam as sepulturas d'esses infelizes, subscrevendo entre si para sustentar as familias, que deixaram sem recursos.

Proclamaram a sua liberdade. São um povo, cuja coragem e virtudes o tornam digno da emancipação, que gloriosamente conquistou.

A. B.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior.*

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião.*

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e maritimos, grêves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa. Largo S. Julião
19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoa
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binocolos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda braz-leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciais e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas aomesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echosdo Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA